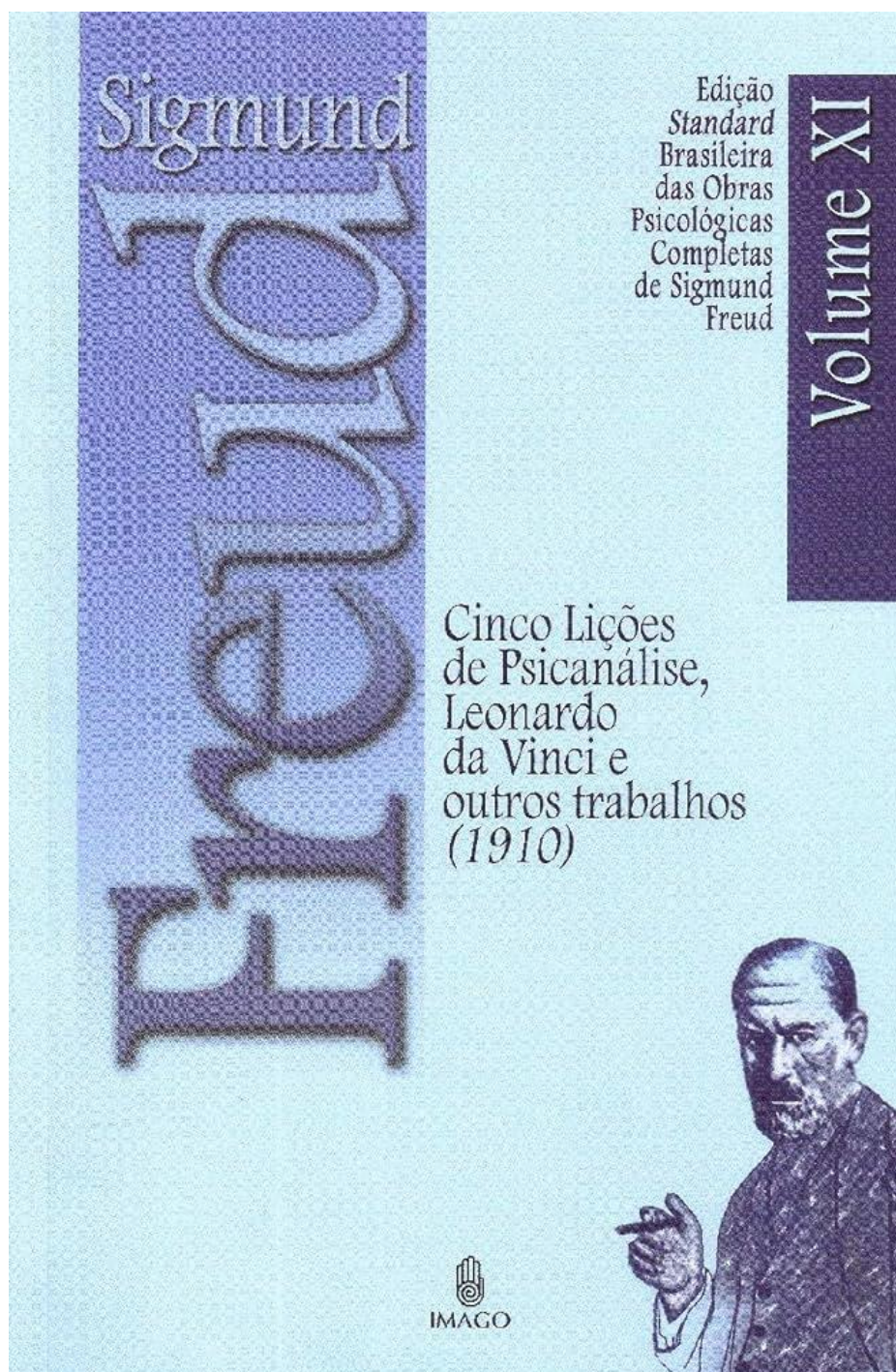
# Cinco Lições de Psicanálise, Leonardo da Vinci e Outros Trabalhos (1910) (Volume 11) (Resumo Feliz)

Sigmund Freud

# Segunda Lição

Segunda a de Janet **(*)** que leva em grande conta as ideias dominantes na França sobre o papel da hereditariedade e da degeneração, a histeria é uma forma de alteração degenerativa do sistema nervoso, que se manifesta pela fraqueza congênita do poder de síntese psíquica. Os pacientes históricos seriam, desde o princípio, incapazes de manter como um todo a multiplicidade dos processos mentais e daí a dissociação psíquica.
**(*)** Pierre Janet

As mesmas forças que hoje, como resistência, se opõe a que o esquecido volte à consciência deveriam ser as que antes tinham agido, expulsando da consciência os acidentes patogênicos correspondentes. A esse processo, por mim formulado, dei o nome depressão e julguei-o demonstrado pela presença inegável da resistência.

(...) a incompatibilidade entre a ideia e o ego do doente, o motivo da repressão; as aspirações individuais, éticas e outras, eram forças repressivas. A aceitação do impulso desejoso incompatível ou o prolongamento do conflito teriam despertado intenso desprazer, a repressão evitava o desprazer, revelando-se desse modo um meio de proteção da personalidade psíquica.

Os conflitos psíquicos são excessivamente frequentes; observa-se com muita regularidade os esforços do eu para se defender de recordações penosas, sem que isso produza a divisão psíquica. É forçoso, portanto, admitir que outras condições são também necessárias para que do conflito resulte a dissociação. Concordo de boa-vontade que com a hipótese da repressão estamos não no remate, mas antes no limiar de uma teoria psicológica; só passo a passo podemos avançar, esperando que um trabalho posterior mais aprofundado aperfeiçoe os conhecimentos.

Chegamos à convicção, pelo exame dos doentes histéricos e outros neuróticos, de que a repressão das ideias, a que o desejo insuportável está apenso, malogrou. Expeliram-nas da consciência e da lembrança; com isso os pacientes se livraram aparentemente de grande soma de dissabores. Mas o impulso desejoso continua a existir no inconsciente à espreita de oportunidade para se revelar, concebe a formação de um substituto do reprimido, disfarçado e irreconhecível para lançar a consciência, substituto ao qual logo se liga a mesma sensação de desprazer que se julgava evitada pela repressão. Esta substituição da ideia reprimida - o sintoma - é protegida contra as forças defensivas do ego e em um lugar do breve conflito, começa então um sofrimento

Ou a personalidade do doente se convence de que de que repelira sem razão o desejo e consente em aceitá-lo total ou parcialmente, ou este mesmo desejo é dirigido para um alvo irrepreensível e mais elevado (o que se chama sublimação do desejo), ou,

finalmente, reconhece como justa a repulsa. Nesta última hipótese o mecanismo da repressão, automático por isso mesmo insuficiente, é substituído por um julgamento de condenação com ajuda das mais altas funções mentais do homem - o controle consciente do desejo é atingido.

A dificuldade não está só na novidade do assunto. A natureza dos desejos incompatíveis que, não obstante a repressão, continuam a dar sinal de si no inconsciente, e os elementos determinantes subjetivos e constitucionais que devem estar presentes em qualquer pessoa antes do malogro da repressão podem ocorrer e um substituto ou sintoma ser formado - sobre tudo isso procurarei esclarecer em algumas observações posteriores.

# Terceira Lição

(...) partiu da última recordação que o doente ainda possui, em busca de um complexo reprimido, temos toda a probabilidade de desvendá-lo, desde que o doente nos proporcione um número suficiente de associações livres. Mandamos o doente dizer o que quiser, cônscios de que nada lhe ocorrerá à mente senão aquilo que indiretamente dependa do complexo procurado. Talvez lhe pareça muito fastidioso este processo de descobrir os elementos reprimidos, mas, asseguro-lhes, é o único praticado.

Não é o estudo das divagações, quando o doente se sujeita a regras psicanalíticas, o único recurso técnico para sondagem do inconsciente. Ao mesmo escopo servem dois outros processos: a interpretação de sonhos e o estudo dos lapsos e atos casuais.

A interpretação de sonhos é na realidade a estrada real para o conhecimento do inconsciente, a base mais segura da psicanálise.

## Quando me perguntam como pode uma pessoa fazer-se psicanalista respondo que é pelo estudo dos próprios sonho

Quero ainda fazer notar que pela análise de sonhos também pudemos descobrir que o inconsciente se serve, especialmente para a representação de complexos sexuais, de certo simbolismo, em parte variável individualmente e em parte tipicamente fixo, que parece coincidir com que conjecturamos por detrás de nossos mitos e lendas. Não seria impossível que essas últimas criações popularmente recebessem do sonho, a sua explicação.

A ansiedade é uma das reações do ego contra desejos reprimidos violentos, e daí perfeitamente explicável a presença dela no sonho, quando a elaboração deste se pôs excessivamente a serviço da satisfação daqueles desejos reprimidos.

Notarão desde logo que o psicanalista se distingue pela rigorosa fé no determinismo da vida mental. Para ele não existe nada insignificante, arbitrário ou casual nas manifestações psíquicas.

O orgulho da consciência que chega por exemplo a desprezar os sonhos pertencem ao forte aparelhamento disposto em nós de modo geral contra invasão dos complexos inconscientes. Esta é a razão porque tão dificultoso é como vencer os homens da realidade do inconsciente e dar-lhes a conhecer qualquer novidade em contradição com seu conhecimento consciente.

## Quarta Lição

Em matéria sexual os homens são em geral insinceros. Não expõem a sua sexualidade francamente; saem recobertos de espesso manto, tecidos de mentiras, para se resguardarem como se reinasse um temporal terrível no mundo da sexualidade. E não deixam de ter razão; e o sol e o ar em nosso mundo civilizado não são realmente favoráveis à atividade sexual. Com efeito, nenhum de nós pode manifestar o seu erotismo francamente à turba. Quando, porém, seus pacientes tiverem percebido que durante o tratamento devem estar à vontade, se despojarão daquele manto de mentira, e só então estarão os presentes em condições de formar juízo a respeito deste problema.

O trabalho de análise necessário para o esclarecimento completo e cura definitiva de um caso mórbido não se detém nos episódios contemporâneos da doença; retrocede sempre, em qualquer hipótese, até a puberdade e a mais remota infância do doente para só aí topar as impressões e acontecimentos determinantes da doença ulterior. Só os fatos da infância explicam a sensibilidade aos traumatismos futuros e só com o descobrimento desses restos de lembranças, quase regularmente olvidados; e com a volta deles à consciência, é que adquirimos o poder de afastar os sintomas.

A criança possui, desde o princípio, o instinto e as atividades sexuais. Ela os traz consigo para o mundo, e deles provém, através de uma evolução rica de etapas, a chamada sexualidade normal do adulto.

É facilmente de explicar a razão porque a maioria dos homens, observadores médicos e outros, nada querem saber da vida sexual da criança. Sob o peso da educação e da civilização, esqueceram a atividade sexual infantil e não desejam agora relembrar aquilo que já estava reprimido. Se quisessem iniciar o exame pela autoanálise, com

uma revisão e interpretação das próprias recordações infantis, haviam de chegar à convicção muito diferente.

A principal fonte de prazer sexual infantil é a excitação apropriada de determinadas partes do corpo particularmente excitáveis, além dos órgãos genitais, como sejam os orifícios da boca, ânus e uretra e também a pele e outras superfícies sensoriais. Como nessa primeira fase da vida sexual infantil a satisfação é alcançada no próprio corpo, excluído qualquer objeto estranho, dá-se-lhe o nome, segundo o termo introduzido por Havelock Ellis, de autoerotismo.

Chegando na puberdade a maré das necessidades sexuais, encontra nas mencionadas reações psíquicas diques de resistência que lhe conduzem a corrente pelos caminhos chamados normais e lhe impedem de reviver os impulsos reprimidos. Os mais profundamente atingidos pela repressão são primeiramente, e sobretudo, os prazeres infantis coprófilos, isto é, os que se relacionam com os excrementos, e, em segundo lugar, os da fixação às pessoas da primitiva escolha de objeto.

As neuroses são para as perversões o que o negativo é para o positivo. Como nas perversões evidenciam-se nelas os mesmos componentes instintivos que mantém os complexos e são formadores de sintomas; mas aqui eles agem do inconsciente, onde puderam firmar-se apesar da repressão sofrida. A psicanálise nos mostra que a manifestação excessivamente intensa e prematura desses impulsos conduz a uma espécie de fixação parcial ponto fraco na estrutura da função sexual. Se o exercício da capacidade genética normal encontra no adulto um obstáculo, rompe-se a repressão da fase do desenvolvimento justamente naquele ponto em que se deu a fixação infantil

A primitiva escolha de objetos feitos pela criança e dependente de sua necessidade de amparo exige-nos ainda toda a atenção. Essa escolha dirige-se primeiro a todas as pessoas que lidam com a criança e logo depois especialmente aos genitores. A relação entre criança e pais não é, como a observação direta do menino e posteriormente o exame psicanalítico do adulto concordemente demonstram, absolutamente livre de elemento de excitação sexual. A criança toma ambos os genitores, e particularmente um deles, como objeto de seus desejos eróticos. Em geral o incitamento vem dos próprios pais, cuja ternura possui o mais nítido caráter de atividade sexual, embora inibido em sua finalidade.

É absolutamente normal e inevitável que a criança faça dos pais o objeto da primeira escolha amorosa.

Observamos que então se refugiam na moléstia para com o auxílio dela encontrar uma satisfação substitutiva. Reconhecemos que os sintomas mórbidos contêm certa parcela da atividade sexual do indivíduo ou sua vida sexual inteira. No distanciar da

realidade reconhecemos também a tendência principal e ao mesmo tempo o dano capital do estado patológico.

A fuga, da realidade insatisfatória para aquilo que pelos danos biológicos que produz chamamos de doença, não deixe jamais de proporcionar ao doente um prazer imediato; ela se dá pelo caminho da regressão às primeiras fases da vida sexual a que na época própria não faltou satisfação.

## O homem enérgico e vencedor é aquele que pelo próprio esforço consegue transformar em realidade seus castelos no ar

Quando a pessoa inimizada com a realidade possui dotes artísticos (psicologicamente ainda enigmáticos) podem suas fantasias transmudar-se não em sintomas senão em crianças artísticas; subtrai-se desse modo à neurose e reata as ligações com a realidade. (CF. Ranking, 1907).

A transferência surge espontaneamente em todas as relações humanas e de igual modo nas que o doente entretém com o médico; é ela, em geral, o verdadeiro veículo da ação terapêutica, agindo tanto mais fortemente quanto menos se pensa em sua existência. A psicanálise, portanto, não a cria; apenas a desvenda à consciência e dela se apossa a fim de encaminhá-la ao termo desejado.

A psicanálise (...) pode ela reivindicar os mesmos direitos que a cirurgia; a exasperação dos incômodos que impõe ao doente durante o tratamento é, uma vez observada a boa técnica, incomparavelmente menor que a infringida pelo cirurgião, e em geral nem deve ser tomado em consideração diante da gravidade da moléstia principal. A destruição do caráter civilizado pelos impulsos de instintivos libertados da repressão é o desfecho temido, mas absolutamente impossível. É que este temor não leva em conta o que nossa experiência nos ensinou com toda segurança: que o poder mental e somático de um desejo, desde que se baldou à respectiva a repressão, se manifesta com muito mais força quando inconsciente do que quando consciente; indo para consciência, só se pode enfraquecer. O desejo inconsciente escapa qualquer influência, independente das tendências contrárias, ao passo que o consciente é talhado por tudo quando, igualmente consciente, se lhe opuser.

Outro desfecho do tratamento psicanalítico é que os impulsos inconscientes, ora descobertos, passam a ter a utilização conveniente que deviam ter encontrado antes, se a evolução tivesse sido perturbada. A extirpação radical dos desejos infantis não é absolutamente o fim ideal. Por causa das repressões, o neurótico perdeu muitas fontes de energia mental que lhe teriam sido de grande valor na formação do caráter e na luta pela vida. Conhecemos uma solução muito mais conveniente, a chamada sublimação, pela qual a energia dos desejos infantis não se anula, mas ao contrário permanece utilizável, substituindo-se o alvo de algumas tendências por outro mais

elevado, quiçá não mais de ordem sexual. Exatamente os componentes do instinto sexual se caracterizam por essa faculdade de sublimação, de permutar o fim sexual por outro mais distante e de maior valor social.

# Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância (1910)

Um homem que começou a vislumbrar a grandeza do universo com todas as suas complexidades e suas leis, esquece facilmente sua própria insignificância. Perdido de admiração e cheia de verdadeira humildade, facilmente esquece ser, ele próprio, uma parte dessas forças ativas e que, de acordo com a medida de sua própria força, terá um caminho aberto diante de si para tentar alterar uma pequena parcela do curso pré-estabelecido para o mundo - um mundo em que as menores coisas são tão importantes e extraordinária quanto o são as coisas grandiosas.

## III

### Existe alguma razão para que uma lembrança da infância nos ofereça maiores dificuldades do que um sonho?

## V

O psicanalista pensa de maneira diferente. Para ele não há detalhe, por mais insignificante que pareça, que não possa revelar, um processo mental oculto. O analista conhece, há muito tempo, a importância de tais casos de esquecimento ou de repetição, e sabe que é justamente essa distração que permite a libertação de impulsos reprimidos.

Parece que a infância não é bem esse idílio bem-aventurado que retrospectivamente distorcemos; ao contrário, as crianças durante toda a sua infância sentem-se fustigadas pelo desejo de crescer e de fazer o que fazem os grandes. Este desejo reflete-se em todas as brincadeiras. Sempre que as crianças sentem, no curso de suas explorações sexuais, que, nesse terreno tão misterioso e tão importante para elas, existe alguma coisa maravilhosa permitida aos adultos, mas que elas estão proibidas de conhecer e de fazer, sentem um desejo violento de ser capazes de fazê-lo e sonham-no sob a forma de voar, ou preparam este disfarce de seu desejo para ser usado mais tarde em seus sonhos de voar.

VI

## Ninguém poderá ser censurado por não realizar algo que jamais prometeu

Não mais consideramos que a saúde e a doença, ou que os normais e os neuróticos se diferenciem tanto um dos outros e que traços neuróticos devem necessariamente ser tomados como sendo prova de uma inferioridade geral.

# As perspectivas futuras da terapêutica psicanalítica (1910)

O empobrecimento do ego devido ao grande dispêndio de energia, na repressão, exigido de cada indivíduo pela civilização, pode ser uma das principais causas desse estado de coisas.

Da mesma maneira que fazemos de um indivíduo nosso inimigo pela descoberta do que nele está reprimido, do mesmo modo a sociedade não pode responder com simpatia a uma implacável exposição dos seus efeitos danosos e deficientes. Porque destruímos ilusões, somos acusados de comprometer os ideais.

# A significação antitética das palavras primitivas (1910)

E nós, psiquiatras, não podemos escapar à suspeita de que melhor entenderíamos e traduziríamos a língua dos sonhos se soubéssemos mais sobre o desenvolvimento da linguagem.

# Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens (contribuições à psicologia do amor I) (1910)

Aprendemos pela psicanálise, em outros exemplos, que a noção de algo insubstituível, quando é ativa no inconsciente, muitas vezes surge como subdividida em uma série infindável: infindável pelo fato de que cada substituto, não obstante,

deixa de proporcionar a satisfação desejada. É esta a explicação do desejo insaciável de fazer perguntas, demonstrado pelas crianças de certa idade: tem apenas uma simples pergunta a fazer, mas nunca chegam a formulá-la. Explica também a garrulice de certas pessoas antigas pela neurose; veem-se sob a pressão de um segredo que estão ansiosos por divulgar, mas que, apesar de todas as tentações, nunca revelam.

A diferença entre sua mãe e uma prostituta não é afinal tão grande, visto que, em essência, fazem a mesma coisa

# Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor (contribuições à psicologia do amor II) (1912)

A principal medida protetora contra essa perturbação a que os homens recorrem essa perturbação a que os homens recorrem nessa divisão de seu amor consiste na depreciação do objeto sexual, sendo reservada a supervalorização, que normalmente se liga ao objeto sexual para objeto incestuoso e seus representantes. Logo que se consuma a condição de depreciação, a sensualidade pode se expressar livremente e podem se desenvolver importantes capacidade sexuais e alto grau de prazer. Há um outro fator que contribui para esta consequência. As pessoas nas quais não houve a confluência apropriada da corrente afetiva e sensual geralmente não demonstram muito refinamento nas suas formas de comportamento amoroso; elas tiveram suas finalidades sexuais perversas, cuja não-realização é sentida como uma grave perda de prazer e cuja realização, por outro lado, só aparece possível com um objeto sexual depreciado e desprezado.

Nosso mundo civilizado, as mulheres estão sob a influência de um efeito residual, semelhante, de sua educação e, além disso, de sua reação ao comportamento dos homens. É, naturalmente, tão desvantajoso para uma mulher se um homem à procura sem sua potência plena como é se a supervalorização inicial dela, quando enamorado, dá lugar a uma subvalorização depois de possuí-la. No caso das mulheres, há pouca indicação da necessidade de depreciar seu objeto sexual.

O objetivo da ciência não é atemorizar ou consolar. Mas, de minha parte, estou pronto a admitir que conclusões importantes, como as que inferi, deveriam apoiar-se em fundamentos mais amplos, e que, talvez, desenvolvimentos em outras direções possam permitir à humanidade corrigir os resultados dos desenvolvimentos que aqui vem considerando isoladamente.

# O Tabu da virgindade (1918 [1917]) (contribuições à psicologia do amor III)

Crawley, numa linguagem que difere apenas ligeiramente da terminologia habitual da psicanálise, afirma que cada indivíduo é separado dos demais por um tabu de isolamento pessoal e que constitui precisamente a pequenas diferenças em pessoas que, quanto ao resto, são semelhantes, que formam a base dos sentimentos de estranheza e hostilidade entre eles. Seria tentador desenvolver essa ideia e derivar desse narcisismo das pequenas diferenças a hostilidade que em cada relação humana observamos lutar vitoriosamente contra os sentimentos de companheirismo e sobrepujar o mandamento de que todos os homens devem amar o seu próximo.

# A concepção psicanalítica da perturbação psicogênica da visão (1910)

## A cegueira histérica é considerada um tipo de perturbação psicogênica visual

No histérico, a ideia de estar cego surge, não dá insinuação do hipnotizador, mas espontaneamente - pela autossugestão, como se diz; e em ambos os casos a ideia é tão poderosa que se converte em realidade, exatamente como uma alucinação ou paralisia etc., sugerida.

Os psicopatologistas chegaram à conclusão de que não podem evitar trabalhar com elementos tais como processos psíquicos inconscientes, ideias inconscientes e assim por diante. Experiências apropriadas demonstram que as pessoas que ficam cegas em virtude de histeria veem, não obstante, em certo sentido, mas não completamente. As excitações no olho cego podem provocar certas consequências psíquicas (por exemplo, podem provocar emoções) muito embora não se torne consciente. Assim, as pessoas histericamente cegas só o são no que diz respeito à consciência; em seu inconsciente elas veem. São observações como estas que nos levam a distinguir os processos mentais conscientes dos inconscientes.

O paciente histérico fica cego, não é consequência de uma ideia auto sugestiva de que ele não pode ver, mas como resultado de uma dissociação entre os processos inconscientes e conscientes no ato de ver; sua ideia de que não vê é a expressão bem fundada da condição psíquica e não sua causa.

Como disse o poeta, todos os instintos orgânicos que atuam em nossa mente podem ser classificados conforme o amor.

A luz projetada pela psicologia sobre a evolução de nossa civilização mostrou-nos que ela se origina, principalmente à custa dos instintos sexuais componentes e que estes têm de ser suprimidos, restringidos, transformados e dirigidos para objetivos mais elevados, a fim de que se possam estabelecer as construções psíquicas da civilização.

O ego perderia seu domínio sobre o órgão, que ficaria então, totalmente à disposição do instinto sexual reprimido. É como se essa repressão houvesse sido exagerada pelo ego, como se tivesse despejado a criança com a água do banheiro: o ego se recusa a ver outra coisa qualquer, agora que o interesse sexual envia se tornou tão predominante. (...) O instinto reprimido vinga-se por ter sido impedido de maior expressão psíquica, tornando-se capaz de ampliar seu domínio sobre o órgão que está a seu serviço. A perda do domínio consciente sobre o órgão é o substituto prejudicial para a repressão que malogrou e que só se tornou possível a esse preço.

Os psicanalistas nunca se esquecem de que o psíquico se baseia no orgânico, conquanto seu trabalho só os possa conduzir até essa base e não além.

# Psicanálise silvestre (1910)

O fator patológico não é esse ignorar propriamente, mas estar o fundamento dessa ignorância em suas resistências internas; foram elas que primeiro produziram esse ignorar e elas ainda o conservam agora. A tarefa do tratamento está no combate a essas resistências. O informar ao paciente aquilo que ele não sabe porque ele reprimiu é apenas um dos preliminares necessários ao tratamento. Se o conhecimento acerca do inconsciente fosse tão importante para o paciente, como as pessoas sem experiência de psicanálise imaginam, ouvir conferências ou ler livros seria o suficiente para curar. Tais medidas, porém, tem tanta influência sobre sintomas da doença nervosa, como a distribuição de cardápios numa época de escassez de víveres sobre a fome.

Primeiro o paciente deve, através de preparação, ter alcançado ele próprio a proximidade daquilo que ele reprimiu e, segundo, ele deve ter formado uma ligação suficiente (transferência) com o médico para que seu relacionamento emocional com este torne uma nova fuga impossível. Somente quando estas condições forem satisfeitas se torna possível reconhecer e dominar as resistências que conduziram a repressão e a ignorância.

## Glossário

Apenso - que se juntou, que se acrescentou a; anexo, apensado.

**Ernest Crawley -** foi um professor inglês, sexólogo, antropólogo, jornalista esportivo e expoente dos jogos de bola.

Cônscios - que tem conhecimento; que sabe muito bem aquilo que faz.

Henry Ellis - foi um médico e psicólogo britânico, escritor e reformador social que estudou a sexualidade humana.

Malogro - inutilizar, fazer desaparecer; fazer gorar.

Rio de Janeiro, 23 de março de 2024

Tiago André Marques Malta
**CRP:** 05/38560
**Contato**: 21- 994205918 (Telegram ou WhatsApp) ou tiagomaltapsi@gmail.com
**Blog:** https://tiago-malta.blogspot.com
**Fã Page:** https://facebook.com/tiagomaltapsicologo